

Abastecimento de água na região metropolitana de SP pode estar comprometido

16:43 29/04/2007

Leonardo Carvalho, repórter iG em São Paulo leonardodecarvalho@ig.com

SÃO PAULO - O abastecimento de água na região metropolitana de São Paulo, através da Represa Billings, pode estar comprometido para os próximos anos. Na manhã desta segunda-feira, a organização não-governamental Instituto Socioambiental (ISA) apresentou um estudo minucioso sobre a bacia hidrográfica da Billings, o maior reservatório de água da área.

O estudo alerta se a degradação na bacia da Billings continuar com a mesma intensidade e velocidade apresentadas nos últimos tempos, a ameaça no abastecimento de água deverá ser uma realidade.

Por conta da degradação, a Bacia Hidrográfica da Billings abastece atualmente 1 milhão de pessoas, mas tem capacidade para atender 4,5 milhões. Segundo a análise de uso do solo, em 1999 cerca de 53% de seu território encontrava-se coberto por vegetação natural, principalmente por Mata Atlântica. Com o crescimento das áreas urbanas, ultrapassando o limite da Bacia Hidrográfica, no entanto, o desmatamento tem acelerado.

Mapas demonstram que em alguns trechos da Bacia a vegetação começa a ficar restrita a manchas isoladas ao longo do reservatório. "De 89 a 99 a ocupação irregular resultou em um aumento de mais de 30% no desmatamento da área, ou seja, o manancial perdeu 6,6% de sua cobertura vegetal nativa, fundamental para a produção de água suficiente para garantir o abastecimento público", afirma a coordenadora adjunta do ISA Marussia Whately.

As advertências para ocupação são grandes, já que 40,9% da área da Bacia Hidrográfica da Billings apresenta sérias e severas restrições ao assentamento urbano. Enquanto 7,87% apresentam condições favoráveis e 25,8% apresentam condições localizadas, que exigem cuidados especiais de projeto de implantação.

O coordenador do ISA, João Paulo Capobianco, alerta que apenas cerca de 6% da Bacia da Billings são áreas protegidas por tombamento, como duas terras indígenas (com quase mil índios Guarani nelas) e bens móveis e imóveis considerados importantes pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico. "Não existe nenhum tipo de proteção para os outros 94% da área restante da Bacia, o que é muito grave", critica Capobianco.

A exploração de recursos minerais na região também é desfavorável à conservação do manancial. Segundo o levantamento realizado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e na Secretaria de Estado de Energia, foram identificados 90 processos cadastrados dentro da área da represa. Desses, apenas sete estão autorizados pelo órgão federal a explorar o recurso.

Mesmo assim, caso todos os processos em tramitação no DNPM cheguem à etapa de concessão de lavra, a Bacia Hidrográfica da Billings terá 26,16% de sua área sob algum tipo de exploração mineral. "Um cenário totalmente desfavorável à a conservação dos mananciais", defende Capobianco.

A qualidade da água da represa Billings também encontra-se bastante comprometida devido ao bombeamento das águas poluídas dos Rios Tietê e Pinheiros, que ocasionou em graves conseqüências ambientais poucos anos depois. "Por mais de 60 anos a represa bombeou as águas poluídas desse rios e comprometeram consideravelmente às áreas", lamenta Whately.

Com relação ao crescimento urbano, o estudo revela no período de 89 a 99 um aumento de 31,7%, sendo que mais de 45% desse crescimento se deu em áreas com sérias restrições ambientais. Pois mesmo com a identificação do Poder Público, as invasões nestas áreas continuam. "É necessário controle, fiscalização e monitoramento permanente dessas áreas, inibindo novos processos irregulares", afirma a coordenadora.

A taxa de ocupação urbana na Bacia, que abrange seis municípios da região metropolitana - São Paulo, Santo André, São Bernardo, Diadema, Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires - passou de 11,8% em 1989 para 14,6% em 1999.

Apesar do alarde, a Represa Billings ainda mantém 53% de sua cobertura vegetal nativa preservada. Para reverter esse processo de degradação, são necessárias ações de recuperação e controle da expansão urbana desordenada do manancial. O Instituto Socioambiental, lançou hoje a campanha "Água Viva para São Paulo".

"Água Viva para São Paulo" é uma campanha de informação, conscientização e, principalmente, mobilização da população da Região Metropolitana de São Paulo para a proteção, conservação e recuperação de suas fontes de Mananciais.

Na primeira fase da campanha serão exibidas comerciais veiculados em rádio e TV, e um site interativo com dados sobre a Bacia e mapas interativos da região. Através do site o público poderá colaborar com a campanha, filiando-se ao Instituto Socioambiental, e enviar mensagens relacionadas ao tema.

A segunda etapa da campanha contará com a produção e a disponibilização de informações sobre a situação dos mananciais de São Paulo com sobrevôos regulares à região com técnicos do Instituto Socioambiental e repórteres dos principais veículos de comunicação.